

Para Viver um Grande Amor

To Live a Great Love

Patrícia Mazon¹

Resumo: A autora inspirada na música de Vinícius de Moraes e Toquinho, *Para Viver um Grande Amor*, discorre sobre o estabelecimento do vínculo de casal, desde a perspectiva da escolha de objeto (enamoramento) até o esboço de algumas saídas deste estado. Propõe ainda um comparativo do surgimento de um vínculo amoroso do casal com o estágio inicial de desenvolvimento do bebê. Estabelece as fases para a constituição de um vínculo de casal e propõe que este exige um trabalho psíquico em múltiplas dimensões.

Abstract: The author inspired on music of Vinícius de Moraes and Toquinho, *To Live a Great Love*, examines the constitution of couple bond, since the perspective of the choice of object (fall in love) until some exits of this state. Still considers a comparative degree among the constitution of couple bond and the initial period of baby's psychological development. Establishes the phases for the constitution of the couple bond and considers that demands an intense psychological work in multiple dimensions.

Descritores: Amor, vínculo, casal, narcisismo, enamoramento.

Keywords: Love, bond, couple, narcissism, fall in love.

¹ Psicóloga, Especialista em Psicoterapia Psicanalítica e Psicanálise das Configurações Vinculares, pelo CIPT, Porto Alegre. Endereço para correspondência: patriciamazon@terra.com.br

PARA VIVER UM GRANDE AMOR
VINÍCIUS DE MORAES E TOQUINHO

*Refrão: Eu não ando só
Só ando em boa companhia
Com meu violão
Minha canção e a poesia*

*Para viver um grande amor
É preciso muita concentração e muito ciso
Muita seriedade e pouco riso
Para viver um grande amor*

*Para viver um grande amor
O mistério é ser um homem de uma só mulher
Ser de muitas poxa, é para quem quer
Não tem nenhum valor*

*Para viver um grande amor
Primeiro é preciso sagrar-se cavalheiro
E ser de sua dama por inteiro
Seja lá como for*

*Há que fazer do corpo uma morada
Onde clausure-se a mulher amada
E postar-se de fora como espada
Para viver um grande amor*

(Refrão)

*Para viver um grande amor
De direito
Não basta apenas ser um bom sujeito
É preciso também ter muito peito, peito de remador*

*É sempre necessário tendo em vista
Um crédito de rosas numa florista
Muito mais, muito mais que uma modista
Para viver um grande amor*

*Conta pontos saber fazer poesias
Ovos mexidos, camarões, sopinhas, molhos, filés com fritas
Comidinhas para depois do amor*

*E o que há de melhor do que ir para cozinha
Preparar com amor uma galinha
Com uma rica e gostosa farofinha
Para o seu grande amor*

(Refrão)

*Para viver um grande amor
É muito, muito importante viver sempre junto
É até ser, se possível, um só defunto
Para não morrer de dor*

*É preciso um cuidado permanente
Não só com o corpo, mas também com a mente
Pois qualquer baixo seu
A amada sente e esfria um pouco o amor*

*Há que ser bem cortês, sem cortesia
Doce conciliador, sem covardia
Saber ganhar dinheiro com poesia
Não ser um ganhador*

*Mas tudo isso não adianta nada
Se nessa selva escura e desvairada
Não se souber achar a grande amada
Para viver um grande amor*

(Refrão)

Em primeiro lugar gostaria de poder agradecer aos grandes poeta e músico Vinícius de Moraes e Toquinho, autores desta música que me inspirou para escolha deste título. Também gostaria de poder pedir autorização para usar seu poema na tentativa de refletir sobre um tema tão difícil e tão inesgotável, que são os vínculos amorosos. Por outro lado penso que, nada melhor que a música e a poesia para exprimir tão vasto sentimento. Entendo que a reflexão científica a partir da arte é sempre reducionista, mas mesmo assim tenho a ousadia de me propor pensar o que seja viver efetivamente um grande amor.

Inicialmente gostaria de dizer o que entendo sobre um grande amor. Penso que seja o estabelecimento de um vínculo real, no sentido de concreto e maduro, onde há um casal adulto, ou seja, um casal que pôde vivenciar o momento fusional do enamoramento, consegue reconhecer as diferenças mútuas e, após passar pelo processo de "separação e individuação", pôde renúnciar ao objeto único primitivo.

O amor inclui um espaço para o desencontro, supõe a aceitação entre dois seres separados e da não coincidência, da não possessividade. Implica, como disse Rilke, um trabalho psíquico difícil, uma renúncia a funcionamentos narcisísticos (Bregio & Spivacow, 1997, p.104).

Para tentar esta empreitada pensei em fazer um comparativo do surgimento de um vínculo amoroso com o desenvolvimento do bebê. Me parece que o desenvolvimento do bebê, que depende da relação com o ambiente, se processa de forma semelhante com o desenvolvimento deste tipo de vínculo. Para isto me utilizarei de algumas contribuições teóricas para discorrer sobre o vínculo do casal, desde a perspectiva da escolha de objeto (do enamorado e do bebê) até o esboço de algumas saídas deste estado. Me deterei mais tempo naquilo que entendo como sendo alguma possibilidade para se *Viver um Grande Amor*.

Pretendo poder durante a fundamentação deste trabalho ir ilustrando com fragmentos da belíssima poesia de Vinícius de Moraes.

O Enamoramento

O processo de enamoramento entendo poder ser comparável ao início da vida do bebê, como já foi dito. Segundo Brengio e Spivacow (1997), o período se apoia em funcionamentos narcisistas primitivos, muito antigos. Freud (1930, p.75) diz que *"No auge do sentimento de amor, a fronteira entre ego e objeto ameaça desaparecer. Contra todas as provas de seus sentidos, um homem que se ache enamorado declara que 'eu' e 'tu' são um só, e está preparado para se conduzir como se isso constituísse um fato."*

Este sentimento de ser um só fundido com um outro já foi vivenciado nos primórdios da experiência de vida de cada um dos envolvidos nesta nova relação. O recém-nascido, no início, não possui uma existência individualizada. Eu e objeto são um só, não estão diferenciados, encontram-se fusionados. *"... o importante é que EU SOU não significa nada, a não ser que eu, inicialmente, SEJA juntamente com outro ser humano que ainda não foi diferenciado"* (Winnicott, 1966, p.09).

Puget e Berenstein (1994) falam em objeto único e o descrevem como sendo a primeira organização objetal.

Chamamos este estado absoluto de narcisismo primário. Ele perdura até o ego começar a catexizar as idéias dos objetos com a libido, a transformar a libido narcísica em libido objetal. Durante toda a vida, o ego permanece sendo o grande reservatório, do qual as catexias libidinais são enviadas aos objetos e para o qual elas são também mais recolhidas [...] É somente quando uma pessoa se acha completamente apaixonada que a cota principal de libido é transferida para o objeto e este, até certo ponto, toma o lugar do ego. Uma característica da libido que é importante na vida é a sua mobilidade, a facilidade com que passa de um objeto para outro. Isto deve ser contrastado com a fixação da libido a objetos específicos, a qual freqüentemente persiste durante toda a vida (Freud, 1940[1938] p. 163).

Estabelece-se um estado aguçado de sensibilidade onde a mãe torna-se muito capaz de perceber e entender as necessidades de seu bebê com uma sintonia bastante refinada. *" Em grande parte, ela é o bebê e o bebê é ela. E não há nada de místico nisso[...]"* (Winnicott, 1966, p.04).

Brengio e Spivacow (1997) ao descrever a dinâmica do enamoramento destacam algumas etapas para este se processar:

- Atração física sexual afirmam ser essencial, formando um elo de fusão física e emocional.

*Ser de sua dama por inteiro
Seja lá como for
... há de fazer do corpo uma morada
Onde clausure-se a mulher amada
E postar-se de fora como espada*

- A idealização, superestima do sujeito (objeto). Aqui faz uma cisão pois nega os aspectos não idealizáveis do outro.

*É preciso um cuidado permanente
Não só com o corpo
Mas também com a mente
Pois qualquer baixo seu a amada sente e
Esfria um pouco o amor*

O sujeito se oferece como objeto idealizável para sua amada e se neste momento prevalece uma tendência fusional não podemos deixar de pensar na especularidade da situação. Ambos são sujeitos e ambos são objetos idealizados.

- Encontro enquanto um "reencontro" (Freud, 1905). O objeto eleito carrega marcas de antigos objetos da vida sexual infantil. " Objeto cheio de futuro, surpresas e assombros ... o encontro com o passado, uma história ouvida, transformada agora em constelações inconscientes pré-fixadas e tirânicas" (Brengio e Spivacow, 1997, p. 104).

Os autores concordam com Freud (1905) quando este afirma que a eleição do objeto se constitui antes de seu encontro, acontece primeiro nas fantasias que estão influenciadas por inclinações infantis sendo que agora com um incremento da pulsão.

*Mas tudo isso não adianta nada
Se nessa selva escura e desvairada
Não se souber achar a grande amada
Para viver um grande amor*

- Enamoramento não é realista na consideração e valorização do objeto. Então aquilo que parece consistente e verdadeiro não passa de uma ilusão, uma construção ilusória. Penso que poderíamos dizer também que há relação dialética entre idealização e realidade. No enamoramento esta relação pende fortemente para idealização de maneira tal que os fragmentos de realidade se tornem ínfimos, mas não inexistentes. O objeto deverá estar presente até porque sem ele a idealização não se produz. Esta é a mesma dialética que

Winnicott (1951) propõe entre alucinação e ilusão. O autor afirma que uma mãe suficientemente boa oferece ao seu bebê faminto o seio, que pode ser sentido, pelo bebê, como sendo aquilo que estava alucinando. A mãe oferece a ilusão de que foi ele (bebê) quem criou o objeto. Este processo chamou de momento de ilusão. Portanto, sem a presença contingente da mãe este processo não se constitui, e este é o dado de realidade necessário. Se não puder passar da alucinação para ilusão, o eu se fragmenta (Break-down). A lógica oral primária (alucinação, momento oceânico) deverá ceder lugar à lógica oral secundária.

*Para se viver um grande amor de direito
Não basta apenas ser um bom sujeito
É preciso ter muito peito,
Peito de remador*

Aqui o poeta nos remete ao nosso primeiro amor. Um grande peito/seio bom/ bom sujeito que possa nutrir o outro. "[...] Mãe e bebê formam uma unidade dupla, a mãe é parte do bebê e este é parte dela. Portanto, o seio é simultaneamente subjetivo e objetivo." (Klautau, 2002, p.39)

- Freud (1920) descreve que o ideal de ego do sujeito enamorado passa a situar-se no objeto, no outro. Este estado afeta a totalidade do equilíbrio narcisista, é dizer a totalidade das representações de si e do mundo.

O Ich-Ideal, enquanto falante, pode vir situar-se no mundo dos objetos ao nível do Ideal-Ich, ou seja, ao nível em que se pode produzir essa captação narcísica [...] Pensem que, no momento em que essa confusão se produz, não há mais nenhuma espécie de regulação possível do aparelho. Ou, em outras palavras, quando se está apaixonado, se é louco, como diz a linguagem popular. [...] É o seu próprio eu que se ama no amor, o seu próprio eu realizado ao nível imaginário (Lacan, 1954, p. 166-67).

O enamoramento nasce no lugar da falta, os enamorados imaginam que descobriram um antídoto contra a falta. Quando se depara com a autonomia do outro reaparece sua fragilidade, o desamparo. "O sujeito se pergunta permanentemente sobre a intenção do objeto. O enamorado perde algo de seu ser, a referência de si." (Brenigio e Spivacow, 1997, p.106). Enamorar-se é um ato de ruptura, o sujeito se descentra e este descentramento originará a dor ou a plenitude, ou ambos. Ter o objeto engrandece o ego por ter/ser o ideal de ego.

Há o desejo que nada se altere. E se não há o predomínio do princípio da realidade e capacidade para estabelecer a diferença entre o outro real e o outro imaginário, a vivência

mágica e fusional toma conta do sujeito. Portanto, encontra-se sempre presente o conflito entre o desejo de continuidade deste estado de enamoramento, contra o desejo de tornar a relação menos mágica e mais temporal, mas isto requer um trabalho doloroso para processar funcionamentos narcisistas.

Expressa o conflito entre dois funcionamentos: de um lado um sujeito submerso na crença de um encontro ilusório com sua metade faltante, com predomínio do princípio de prazer; de outro, um sujeito enfrentado ao reconhecimento da alteridade, suas exigências de trabalho e suas possibilidades de criação [...] Se promete amor eterno se sente que se estava com o partenaire a vida toda (Bregio e Spivacow, 1997, p.111).

Segundo os autores, acima citados, os enamorados perdem a noção de tempo. Criam a ilusão que sempre estiveram juntos e que nunca se separarão, para minimizar a tão temida vivência de separação.

*Para viver um grande amor
É muito, muito importante viver sempre junto
É até ser, se possível, um só defunto
Para não morrer de dor*

Com a distância, o enamorado para amenizar a dor recorre a um "te penso" que é mais um "te alucino". Como o bebê faz, segundo Winnicott (1951), para tolerar a ausência da mãe, cria naquele espaço da falta, que chamou de espaço potencial, os objetos transicionais.

O objeto é subjetivamente percebido, o que significa que não é percebido como tal. Não há uma diferenciação entre eu-objeto. Tal diferenciação instala-se na medida que se constrói um intervalo entre o bebê e o objeto: o objeto transicional é produzido exatamente neste intervalo que pode ser considerado como propiciador do uso do objeto e que, por sua vez, garante a percepção objetiva da realidade tornando o objeto diferente do eu (Kloutau, 2002, pág. 29).

Saída do Enamoramento

O vínculo pode criar-se predominantemente sobre a maneira defensiva de anular a diferença, a distância ou, opostamente, construir-se incluindo este faltante. O predomínio de uma forma ou de outra dará lugar a tipos vinculares muito diferenciados: os que querem reconstruir o andrógino, ser Único, sem fissuras, ou os que, menos ou mais, incluem as diferenças e suas expressões." (Bregio e Spivacow, 1997, p.110).

Penso que existam algumas saídas deste momento onde os sentimentos são tão

intensos que Freud (1915 [1914]) até comparou com a psicose. O casal, como com o bebê, se desenvolve, amadurece, mas isso vai se dar dependendo do tipo de vínculo que está se criando. Brengio e Spivacow(1997) chamam este processo de desenamoramento.

No desenamoramento as características renegadas do partenaire reaparecem bruscamente como uma vala que quebra a fusão; segue um tempo de discriminação em que se perde a fascinação. Não se bastam, surgem no vínculo espaços vazios em contraposição a imaginária plenitude fusional (Brengio e Spivacow, 1997, P. 118).

Neste momento muitos casais se separam, por não agüentar esta percepção, o retorno da realidade. No amor maduro há de haver a diferenciação. Se busca, no vínculo amoroso, de tanto em tanto, o estado de graça da paixão.

Brengio e Spivacow (1997) destacam que quando o enamoramento é do tipo ego ideal, o casal necessita manter a vivência de plenitude fusional, não há fissuras, há o predomínio do ego prazer purificado, ou seja, com funcionamento narcisístico, onde não há falta, não há separação. O outro é Eu. Neste caso há uma morte subjetiva, se existe Um falta o outro do casal (o par), então um (alheio) não existe teve que "morrer".

***É até ser, se possível, um só defunto
Para não morrer de dor***

Os autores afirmam que quando o enamoramento é do tipo ideal de ego, o casal inclui na vivência fusional um registro de separação e diferença, há espaço para aparecer projetos. Portanto com o reconhecimento das diferenças há a possibilidade de trabalhá-las, favorecendo deste modo as trocas entre si e crescimento.

***É sempre necessário tendo em vista
Um crédito de rosas numa florista
Muito mais, muito mais que uma modista
Para viver um grande amor***

Brengio e Spivacow (1997) afirmam que um momento mais evoluído na relação do casal, em que se elaboram as feridas narcísicas do desenamoramento, se atinge um novo modo de encontro que os autores chamam de diferenciação desejante, ou seja, "[...] inclui a diferença, o conflito e, por isso mesmo, investe o tempo futuro e não meramente o presente atemporal" (Brengio e Spivacow, 1997, p. 118).

Winnicott (1951) em "objetos transicionais e fenômenos transicionais", nos apresenta que no início a mãe suficientemente boa, sintonizada quase que por completo, às necessidades

do bebê, o oportuniza a iludir-se com a criação do objeto. Mais adiante, esta mesma mãe precisará desadaptar-se gradativamente às necessidades de seu bebê, com a função de desiludi-lo, conforme que este vá adquirindo a capacidade de tolerar a frustração. A medida que este processo vai acontecendo, mãe e bebê tornam-se distintos.

Quando o casal não consegue superar o desenamoramento e não alcança a diferenciação desejante pode acontecer de se instalar um modelo vincular de alienação, numa tentativa de anular as diferenças e esconder os conflitos, renegando-os. Este modelo entendo como uma saída em que um se deixa alienar pelo outro.

Enamoramento, desenamoramento e 'diferenciação desejante' não só são etapas vitais sucessivas, temporalmente delimitáveis em um corte diacrônico, senão também uma espiral lógica interna, uma dialética observável em um corte sincrônico do funcionamento cotidiano do casal (Bregio e Spivacow, 1997, p. 118).

O Casal (*Viver Um Grande Amor*)

"Chamamos de 'amor' a um processo que inclui um trabalho psíquico em múltiplas dimensões. Trabalho de elaboração, de processo secundário, por tanto de prazer postergado" (Bregio e Spivacow, 1997, p. 103).

Berenstein (1998) diz que no vínculo o eu se constitui a partir do outro, quando se dá o 'acontecimento' do vínculo. Conforme Bregio e Spivacow (1997), este acontecimento pode ser uma experiência nova, inédita, que abre caminho a descobertas do psiquismo.

Berenstein, afirma, ainda que, mundo interno e as relações de objeto levam a significar o outro e a "envolvê-lo em uma tênue cortina projetiva" que leva a percebê-lo como uma prolongação do próprio ego. Este é como um objeto, mas está próximo ao próprio ego como objeto da pulsão ao ideal de ego, então será um objeto de amor. Cita, ainda, um autor desconhecido: *"Eu te amo não só pelo que és, senão pelo que sou quando estou contigo"* (Apud Berenstein, 1998). Penso que o tipo de vínculo amoroso que possibilita a vivência de um grande amor, é aquele que produz "fenômenos transformadores", se cria a dois um espaço novo.

Puget e Berenstein (1994), identificam alguns "Parâmetros Definitórios" para enquadrar o tipo de vínculo de casal. Acredito que *Viver um Grande Amor* deva:

- Haver um predomínio de Eros, onde a estabilidade dos intercâmbios diários

possibilitem crescimento e o aparecimento de situações novas, como produtoras de encontros do casal.

- Um projeto vital compartilhado com a função de re-unir representações de realizações e conquistas, que vá podendo se modificar, evoluir ou ser abandonado, trocado por outro, conforme as mudanças na organização do trajeto do casal.

Implicará sempre um trabalho psíquico de elaboração da temporalidade: da elaboração da solidão ineludível de cada ser, de tolerância ao vazio, de processamento de um espaço-outro fora do sujeito, do acontecimento incontrolável do tempo. Nesta passagem nunca concluída, nesta oscilação conflitiva se jogam as possibilidades do casal de chegar a um processamento da alteridade em que o enamoramento ceda espaços a filhos simbólicos, a uma elaboração em que o enamoramento abra caminho e ofereça respostas a uma das problemáticas humanas a que se pede respostas no casal: a questão da transcendência (Bregio e Spivacow, 1997, p. 112).

- Relações sexuais devendo haver a aceitação da diferença e desejo de complementaridade.

***Primeiro é preciso sagrar-se cavalheiro
E ser de sua dama por inteiro ...***

Podemos entender que o poeta aqui fala que reconhece a diferença e em outro momento oferece seu corpo e sua "espada" à sua amada.

***Há que do corpo uma morada
Onde clausure-se a mulher amada
E postar-se de fora como espada
Para viver um grande amor***

- Tendência Monogâmica, ou seja, a ligação matrimonial com somente um parceiro. O estabelecimento do objeto unificado, não o objeto único do enamoramento. O objeto unificado é o objeto que no enamoramento foi objeto único mas pôde fazer a passagem para objeto amoroso, diferente e complexo.

O mistério é ser um homem de uma só mulher

Aqui podemos pensar que pode estar falando do Objeto Único do enamoramento ou então mesmo, do Objeto Unificado mais complexo do vínculo amoroso.

***Ser de muitas poxa, é para quem quer
Não tem nenhum valor***

A tendência monogâmica se faz presente claramente neste trecho da música.

Conclusão

Com este trabalho pretendi, como já disse, entender o estabelecimento do vínculo de casal matrimonial. Com o decorrer do seu desenvolvimento percebi que este é um tema bem mais vasto do que pensava quando o escolhi como meu "objeto de amor".

Concordo com o poeta, que tanto admiro, quando diz:

*Para viver um grande amor
É preciso muita concentração e muito ciso
Muita seriedade e pouco riso*

Quanto ao riso, proveniente do bom humor, entendo ser fundamental, mas sem deixar de levar o outro a sério, com *muito ciso*, se é que posso me adonar das palavras do Grande Vinícius de Moraes. Pensar no amor também necessita de muito juízo. Por sorte me inspirei em abordar o *Viver um Grande Amor*, ou seja, o desfecho mais feliz, apesar de difícil, de um momento tão encantador da vida.

*"A vida é a arte do encontro
embora haja tanto desencontro pela vida"*

Vinícius de Moraes

Referências Bibliográficas

1. BERENSTEIN, I. **O vincular**. Trabalho apresentado no Instituto Contemporâneo de Psicanálise e Transdisciplinaridade. Porto Alegre, 1998
2. BRENGIO, A.; SPIVACOW, M. A. *Sobre el enamoramiento*. In: PUGET, J. (comp.). **Psicoanálisis de pareja: del amor y sus bordes**. Buenos Aires: Paidós, 1997. Cap. 3, p. 101 - 124
3. FREUD, S. (1905). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro, Imago, 1996. Vol. VII
4. _____. (1915 [1914]). Observações sobre o amor transferencial (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise III). In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro, Imago, 1996. Vol. XII
5. _____. (1920). *Além do princípio de prazer*. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro, Imago, 1996. Vol. XVIII

6. _____. (1930). *O mal-estar na civilização*. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro, Imago, 1996. Vol. XXI
7. _____. (1940[1938]). *Esboço de psicanálise*. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro, Imago, 1996. Vol. XXIII
8. LACAN, J. (1954). *O ideal do eu e o eu ideal*. In: **O seminário. Livro 1 - Os escritos técnicos de Freud**. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
9. PUGET, J. & BERENSTEIN, I. **Psicanálise do casal**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994
10. WINNICOTT, D. (1951). *Objetos e fenômenos transicionais*. In: **Da pediatria à psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 2000
11. _____. (1966). *A mãe dedicada comum*. In: **Os bebês e suas mães**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.